

## António Sérgio: Notas Biográficas

**Rogério Fernandes\***

O presente estudo pretende reconstituir a vida de António Sérgio nas grandes linhas da sua biografia, relacionando as suas actividades profissionais, políticas e pedagógicas ao longo dos seus oitenta e seis anos de vida. Trata-se de um primeiro esboço biográfico do grande escritor racionalista de ideias, nos contrastes das suas contradições. Sérgio foi uma personalidade complexa, cuja vida acidentada e por vezes amarga não aparece directamente reflectida nos seus escritos ensaísticos. É preciso pelo contrário procurar o seu perfil noutras fontes, entre as quais, sobretudo, as epistolográficas que, felizmente, se acham largamente impressas.

### **Palavras-chave**

Actividades profissionais; política; pedagogia; Genebra; planos educacionais.

---

\* Professor jubilado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

António Sérgio (1883-1969) não foi ainda objecto de um estudo biográfico relativo aos vários períodos da sua vida. É certo que Daniel Hameline e António Nóvoa (1990) recolheram no *Livre d'Or* do Instituto Jean-Jacques Rousseau uma autobiografia escrita aos 32 anos. Contudo, apesar do seu valor documental, o texto não passa da fase em que Sérgio e sua Mulher estudaram em Genebra. Outros escritos complementaram entretanto essa Autobiografia, nomeadamente através de cartas<sup>1</sup>, de que estão publicadas várias peças<sup>2</sup>.

Conforme também notaram aqueles autores, Sérgio exprimiu sempre uma forte depreciação das chamadas “nugas biográficas”, não lhes reconhecendo relevância no processo de escrutinização das obras intelectuais. Na sua opinião, estas deveriam ser analisadas como estruturas independentes da vida dos respectivos produtores (Hameline & Nóvoa, 1990, 141). A propósito citam a frase gravada nas “*Notas de Esclarecimento*”: “o crítico literário pode, suponho eu, ignorar completamente o autor e a sua vida” (p. 141)

Apesar disso, o espólio literário de Sérgio refere-se à infância, à juventude, e ao seu trajecto intelectual e político como adulto. Dispersas por toda uma vasta obra, tais referências “não sistematizam num documento unitário uma leitura autobiográfica” (p. 141), mas, diríamos nós, ilustram todo um ambiente mental.

### ***Primeiros passos de uma caminhada***

Sérgio nasceu em Damão, ao tempo colónia portuguesa em território indiano. Viveu dos três até perto dos dez anos no Congo português de que seu pai era Governador. Enfrentou doenças graves, próprias do país. Sentiu a falta de outras crianças que fossem suas parceiras de brincadeiras. (Esta confiança pressupunha como natural que só pudesse brincar com crianças brancas.)

Sérgio não teve educação sistemática nem religiosa. Beneficiando de um regime muito livre, não se recordava de ter sido repreendido, nem castigado. De pai a filho prevalecia uma relação de fraternidade. Sérgio era companheiro de seu Pai e das personalidades que o cercavam no ambiente colonial. Estas, por sua vez, tratavam o filho do Governador como um homem pequeno. Esta forma de educação assentava num princípio de liberdade mas não era o que Sérgio chamou um “método consciente”, um “sistema”, uma acção educativa intencional. Era o fruto espontâneo de uma sensibilidade, e não a consequência de um desígnio voluntariamente assumido. Sérgio apontaria dois inconvenientes a esta opção educativa: “1º pas de traitement et d'éducation physique pour réparer les ravages du climat très insalubre du Congo portugais ; 2º, plus tard, à l'âge des grands transformations intellectuelles et sentimentales (18-21 ans), il ne m'a pas bien compris, et je n'ai pas eu en lui le compagnon idéal qu'il aurait pu être » (Sérgio, 1950, pp. 32-34).

A primeira educação intelectual de Sérgio foi completamente a-sistemática. Aprendeu a ler num atlas francês de geografia, fazendo perguntas ao Pai sobre

países, capitais, etc., e memorizando gradualmente as palavras. Até aos 10 anos, todo o seu crescimento intelectual foi feito “au hasard de la causerie spontannée; on me laissait parler avec pleine liberté” (p. 153).

Afirma ainda não ter posto os pés em nenhuma escola até à idade de 10 anos. Nas suas escolhas académicas, determinantes das opções profissionais iniciais, influenciou fortemente o micro-meio sócio-cultural e profissional que o rodeava, em parte pesando também as tradições familiares. (p. 153)”.

Chegado a Portugal após a estada em África, passou por uma escola, a fim de se preparar para o exame de instrução primária e de satisfazer, assim, as condições de ingresso no Colégio Militar. Este itinerário não o colocou em situação de inferioridade relativamente às outras crianças com a mesma idade, visto que desde logo foi um dos primeiros da sua classe (pp 153-154 )<sup>3</sup>.

Sérgio refere-se de modo positivo ao Colégio Militar, apesar de ter achado muito entediante o trabalho aí desenvolvido, sobretudo a gramática, à qual chamou “un martyre de définitions très abstraites et de longues subtilités”, a história, que designou como “rosários” de factos notáveis em cada reino, sem relação entre si ou com o que quer que fosse, a corografia de Portugal, ladainha de cidades, vilas e rios, etc. Espantava-o a exigência que lhe faziam de que soubesse o que certos adultos muito instruídos ou assim considerados ignoravam, entre os quais se contava seu próprio Pai.

Sérgio não enunciava o mesmo juízo desvalorizador quando se referia à educação científica obtida no Colégio. Apesar da vetustez dos métodos praticados, destacava pela positiva os professores de matemática e de física. A disciplina que mais apreciava era a matemática, considerando muito belos os encadeamentos de teoremas e sonhando com uma matemática universal. Mais tarde, aos 18 anos, ficou encantado ao folhear pela primeira vez a *Ética* de Espinosa.

As relações do jovem com o Colégio não foram muito felizes. Ele terá sido o que chamou “un inquiet, pas du tout un revolté, mais un joueur, un railleur très vif qui ne prenait pas au sérieux la discipline militaire, ni qui ce soit si ce n’étaient pas les professeurs où je reconnaissais une solide capacité scientifique » (pp. 154-155).

Após o Colégio Militar, cumpriu um ano propedêutico na Escola Politécnica e em 1901 foi transferido para a Armada e para a Escola Naval. O curso de oficiais prolongar-se-ia dos 18 aos 21 anos. Foi uma época de grandes emoções. O gosto da matemática deu lugar ao da filosofia, da literatura e da arte. Essa mutação de opções foi paralela à mudança de atitude para com a sua profissão.

Acabado o curso, viajou para Oriente, durante perto de ano e meio (Pires, 1989, p. 156).

Em 16 de Outubro de 1904 zarpu para Macau na canhoneira *Lima*, onde chegou em Janeiro de 1905, ali se mantendo até Novembro (p. 110).

Como oficial da Armada, Sérgio não perdeu o gosto pela literatura nem pela matemática. Daniel Pires salientou o facto de ele ter cultivado a técnica náutica e citou o volume 40 dos *Anais do Clube Militar Naval* (1909, pp. 17-19), no qual Sérgio

publicou um “gráfico polar de desvios”, elaborado durante a sua estada naquele território asiático (Pires, 1988-1989, p. 110).

### **Uma rota inesperada**

Sérgio procedia de uma família de “fidalgos cavaleiros da casa real”. O Pai era, desde há anos, ajudante de campo honorário do rei, e o Avô, em meados do século XIX, fora preceptor militar de D. Luís, de quem o Pai de Sérgio era amigo. Apesar destes antecedentes, o jovem recusou-se a seguir a praxe da apresentação ao rei.

Se não concordava com a política monárquica, também não aceitava a propaganda republicana que classificava de negativista e demagógica. O seu desamor ao novo regime tornou-o suspeito às autoridades políticas em 1910. Numa carta a Afonso Lopes Vieira, datada de 1923, confidenciaria ter estado três dias “sob os ferros da República, suspeito de “talassa perigoso” (*Colóquio/Letras*, 1978, p. 59). Semelhante incidente não está registado na folha de serviços).

Verificada a sua discordância com o bota-abaxismo do novo regime e sentindo o desejo de se consagrar a um trabalho de educação popular cívico e independente, solicitou e foi-lhe concedida a 11 de Novembro de 1910 uma licença ilimitada (Arquivo Geral da Marinha, *Livro G*, f. 72.)<sup>4</sup>.

As determinantes políticas derivadas da revolução de 1910 poderão ter sido potenciadas pela doença e pelas experiências laborais entretanto realizadas. É possível também que a deficiente vocação de Sérgio tenha achado finalmente uma possibilidade de concretização. Ele próprio o confidenciará aos seus leitores: “Abandonei a Armada quando se instaurou a República, no empenho de manter a minha liberdade crítica e de me dedicar à vocação que me parecia a minha: ensinar o povo a governar-se a si mesmo, graças a métodos de educação modernos e a novas praxes sócio-económicas (...) Decidira consagrar-me ao meu próprio rumo (o do apostolado cívico) *et me tenir ferme dans les courants*” (Sérgio, 1957, pp. 25-26).

### **Actividades profissionais de Sérgio**

A suspensão da sua carreira militar, de começo definida pela obtenção de uma licença ilimitada, leva-o a procurar ganhar a vida na indústria cultural e, em menor grau, no ensino.

Começou por aceitar o encargo de director da revista *Serões*, em 1911, lugar em que sucederia a Eduardo de Noronha. O novo director tentou prestigiá-la pedindo colaboração a Raul Proença e a outros escritores (Ventura, 1994, p. 31). A Manuel da Silva Gaio enviará também uma carta em Abril do mesmo ano por igual motivo (Epistolário Arquivo Coimbrão, 1970, p. 334). Apesar de todos os esforços de Sérgio, a revista duraria apenas até ao fim do ano.

Outra área de actividade por que optou foi a docência, cuja vocação se manifestara anos antes. É significativo que, em 1909, como 2º Tenente da Armada,

tenha requerido licença para concorrer a um lugar de professor do 4º Grupo do Real Colégio Militar (Arquivo Geral da Marinha. *Oficiais da Armada, Caixa nº 781.*)

Em Novembro de 1914, conjuntamente com sua mulher, inscreveu-se como aluno no Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra. Admitia que, terminado um trabalho editorial com uma empresa estrangeira, procurasse uma profissão na Suíça, a qual seria, “naturalmente”, a do professorado. Ou porque lhe dessem um lugar de professor (o que não veio a suceder) ou porque lho ofereceriam aqui em Portugal, o que também não ocorreria. Em contrapartida, Sérgio rejeitaria o convite, emanado do director do *Bureau International des Écoles Nouvelles*, para ser o fundador e primeiro director de uma Escola Nova estatal a instituir em Cuba no ano seguinte de 1915 (Ventura, 1994, carta nº 45, p. 127).

É significativo o desgosto com que se refere à perda de um lugar de ensino superior em Lisboa, injustamente atribuído a um positivista bem visto pelos republicanos. Numa carta de 1921 para Raul Proença, Sérgio afirma saber que Adolfo Coelho teria proposto em Conselho do Curso Superior de Letras que fosse confiada a Sérgio a cadeira de Pedagogia, a qual que teria acabado nas mãos “competentíssimas” de Agostinho Fortes (Ventura, 1994, p. 157.<sup>5</sup>) Ainda em relação ao ensino superior, teve a intenção de concorrer a um lugar de ensino de Geografia mas o concurso foi adiado durante mais de um ano e acabou por não se realizar (Fernandes, 1972, p. 12). Confidencia também que se matriculara na Universidade e que a frequentava à custa de outros afazeres com que ganhava o pão, tudo isto “para satisfazer as condições oficiais de um longínquo professorado...” (p. 13).

Em relação ao ensino superior seria mais feliz além fronteiras. Em 1932, durante um dos seus exílios, a Universidade de Santiago de Compostela convidou-o a ministrar um curso de quatro meses sobre tema à sua escolha, o qual viria a incidir em Antero (Ventura, 1988, p.88).

Além de ganhar a vida pela realização de outras actividades, Sérgio ministrou lições particulares na residência de alunos durante o exílio parisiense e ainda em Portugal. A sua vocação manifestar-se-á também no tocante ao ensino primário infantil (Fernandes, 1979, p. 50). Em 1917 dizia-se muito ocupado “com um grupo de discipulozinhos (de que sonho fazer o núcleo de uma futura escola *comme il faut...*” (p. 50). Esse grupo de alunos, que, segundo informação pessoal prestada pelo Arqº Raul Lino, reunia-se em casa do sr. Fortunato Abecassis, despertou o entusiasmo de Sérgio. Era sua intenção transformar esse grupo numa instituição educativa. “Ando agora muito atarefado com a instalação material e moral da minha escola, que deve começar no dia 5”, escreveu Sérgio a Álvaro Pinto em 1917. “Mobiliário, preparação de lições, de material, etc. leva um tempo dos diabos (...) (p. 56).” Noutra carta voltava a acentuar o grau de absorção exigida pela fundação do estabelecimento: “ (...) os trabalhos de instalação da escola têm-me ocupado totalmente, dia e noite; parece mentira, e é verdade. Não calcula, por exemplo, o difícil que é encontrar agora ferramenta para trabalhos manuais: régua de aço graduadas, compassos de precisão, etc. Era tudo de fabrico germânico e

não me parece que remediaremos este mal com o desabafo de lhes chamar *boches* (...) (p. 57). O trabalho de Sérgio seria bastante compensatório sob o ponto de vista moral. A sua experiência, a este nível etário, parece ter tido êxito: “A minha escola vai magnífica; as crianças pedem mais tempo de aula comigo, e a supressão do recreio” (p. 57).

Ignoramos todavia o desfecho deste projecto. Ele deixa de ser mencionado nas cartas de Sérgio. É de supor que a mobilidade que o levou fora do país possa ter oposto dificuldades à continuidade do trabalho.

Finalmente, uma das fases da sua acção docente relacionou-se com o ensino secundário e foi, porventura, a que teve mais longa duração. Na transição de 1939/1940, numa carta a José Régio, queixa-se de não ter recebido um exemplar do livro de poemas intitulado *Biografia*, acrescentando: “Estou desejoso de receber. Tanto mais que todos os anos leio uma ou duas poesias suas aos meus alunos do sétimo ano de português, na Escola de Pedro Nunes, à rua Saraiva de Carvalho.” Ao mesmo tempo informa de que acabara de redigir o primeiro volume de uma *História de Portugal*, dos seis de que deveria compor-se (Ventura, 1994, p.67-68). Tal iniciativa leva-nos a supor que se tratava de um manual de intenção escolar.

Os acasos da vida conduziram à dispersão das suas actividades profissionais. A indústria editorial foi porventura uma das que mais intensamente o prenderam. Em 1918, numa carta a Silva Gayo, afirmou que trabalhava desde há 8 anos para uma Companhia Americana (Arquivo Coimbrão, nº 541, p. 350). Começara, pois, a colaborar com essa casa editora em 1910. Numa correspondência de 1912, para Raul Proença, queixava-se do peso dos trabalhos que tivera de enfrentar e dizia: “Durante os dois últimos anos trabalhei em Lisboa *ininterruptamente* das 6 da manhã à meia-noite ou quase. No primeiro ano para os *Serões* e outros negócios; no segundo ano nas correcções de provas e originais do Kellog, etc.” (Ventura, 1994, p. 43). O Kellog era o representante (ou proprietário) da casa editora com que Sérgio colaborava.

No mesmo período, numa carta datada de Londres onde dispunha então de um gabinete de trabalho por conta do Kellog, confienciava que, ao chegar àquela cidade, o mesmo Kellog lhe propusera ficar com ele até Fevereiro e depois seguirem ambos numa viagem às principais cidades do Brasil. A Companhia reconhecera o interesse em ter alguém que conhecesse a língua, a obra a editar e vender, além de dois dedos de coisas literárias (p. 34). Sérgio vira vantagens na aceitação da proposta: percorrer um país que lhe interessava, com transporte pago para ele e para sua mulher. Levar esta a visitar o pai que já lhes pedira que o fossem ver, e, além de tudo isto, “ganhar o que só ganharia em Portugal quando chegasse a almirante; espaiar-se um pouco e tratar da saúde. Fiz o que julgo que o meu amigo faria: aceitei. E como o K. me falou já em outros trabalhos, deixo o futuro ao imprevisito – ao que a vida for trazendo. É isso o que tenho feito há dois anos para cá” (Ventura, 1994, p. 34.) É possível que Proença tivesse tido algumas palavras de censura em relação aos objectivos exclusivamente comerciais do Kellog.

Numa carta datada do Rio de Janeiro, Novembro, 1913, Sérgio exprimirá a sua compreensão para com a personagem: “Quanto ao Kellog, temos de nos resignar a fazer obra comercial, e a considerá-la simplesmente como um meio de ganhar dinheiro. Não condeno o Kellog, porque sei muito bem que se ele fizesse obra a fundo, pelo nosso gosto – perderia o seu dinheiro” (Ventura, 1994, p. 97).

Uma vez no Brasil, Sérgio continuou a trabalhar a um ritmo intenso. Uma carta do Rio de Janeiro dá conta desse regime e revela ter preparado com o amigo uma antologia a editar pela mesma Companhia<sup>6</sup>. “Bem, meu Amigo [Proença], acabou a minha manhãzinha, vou para o escritório da *Sociedade Internacional*, editora da nossa antologia. Tenho a meu cargo o serviço de propaganda (grandes e espectaculosos anúncios em todos os jornais importantes, todos os dias,) e a correspondência que é numerosa e de que escrevo todos os rascunhos, para depois ser passada à máquina. Trabalho fatigante por muito maçador. Ajudo também o meu sogro. Chego à noite estafadíssimo” (p. 59). Em 1913, da mesma cidade, dirige-se ao amigo, desenhando o seu dia-a-dia: o trabalho da *Enciclopédia* obrigava-o a andar muito, “de um lado para o outro, sob um sol escaldante” e que, “indo só, não sei andar devagar, chego ao fim do dia positivamente estafado (...)” (Ventura, 1994, Carta n° 33, p. 106 ).

Entretanto, a própria elaboração da referida *Enciclopédia* era extremamente trabalhosa: “Os trabalhos da *Enciclopédia*, como eles os querem”, confidenciava, “representam para mim um esfalfamento descomunal” (Ventura, 1994, Carta n° 31, 16 de Novembro, 1913.)

Mas o âmbito das suas tarefas era muito mais amplo do que o literário. Escrevendo do Rio a Raul Proença, em Abril de 1913, confessar-se-ia muito atarefado “na faina de vender a *Biblioteca* que aí fizemos (antologia). Tem sido uma grande canseira mas o público compra bem” (p. 49).

Sérgio regressará ao Brasil pelos anos 20. Numa carta a Silva Gayo, enviada do Rio, dirá: “Vim tratar de negócios, e saí de Portugal irritado com tudo (...)” (Arquivo Coimbrão, p. 352.<sup>7</sup>) A primeira tarefa consistiu em montar tipografia e reformar todos os serviços das publicações *Laemmert*, segundo nos parece propriedade de seu sogro (Ventura, 1994, p. 151.) Acompanhado por Álvaro Pinto, realizou com este a Sociedade Sérgio & Pinto que administrava a Livraria Editora Anuário do Brasil, com sede no Rio de Janeiro e filial em São Paulo, representando a “Renascença Portuguesa”, a “Seara Nova” e os *Anais das Bibliotecas e Arquivos*. Além disso, a empresa editava a revista *Terra do Sol*, na qual Sérgio publicou a palestra *Camões* (n°s 11-12 de 1924, pp. 156, 163)<sup>8</sup>.

Sérgio será obrigado a sair do Brasil pela segunda vez, pelos mesmos motivos de saúde, indo então para a Floresta Negra.

Mais tarde, evitando a prisão em Portugal perante o 28 de Maio e o processo de tomada do Poder pela Direita, manter-se-á em Paris onde voltará a ganhar a vida no quadro da actividade literária e editorial. Em 1927, numa carta a Silva Gayo, dirá: “Estou dirigindo a secção luso-brasileira desta casa editorial e a secção luso-brasileira também de um periódico hebdomadário (*Paris-Madrid*) (...)”<sup>9</sup> “No ano

de 1928 as suas actividades relacionavam-se com a editorial Quillet, através da Livraria Francesa e Estrangeira Truchy –Leroi ( 9, rue Campagne Première, Paris). Sérgio era responsável pela secção luso-brasileira da editora. Sob sua direcção publicava-se a Biblioteca Miniatura, colecção de pequenos volumes, obras-primas nacionais e estrangeiras. Dessa colecção foram publicados pelo menos dois livros de Casimiro de Abreu, *Cantos de Amor e de Tristeza e Saudade*. Anunciam-se clássicos, um dos quais Castro Alves, por meio do livro *Espumas Flutuantes*. Além dessas obras anunciava-se, igualmente dirigida por Sérgio, a *Biblioteca do Educador*, na qual se previa a edição de *Transformemos a Escola*, de Ferrière. Para publicação estava também uma *Colecção para a Juventude*. Parece óbvia a aposta no mercado brasileiro.

Em 1930, a actividade parisiense de Sérgio dividia-se entre a de tradutor (traduzia nessa época para um editor de São Paulo a novela póstuma de Tolstoi, *Hadji Murade*) e a colaboração na Paramount como director de diálogo. Esta empresa cinematográfica convidou Sérgio a adaptar para português os primeiros filmes sonoros (Ventura, 1998, nt. 14, p. 112) e, além disso procurará artistas em Portugal para representarem o filme adaptado por Sérgio (Ventura, 1994, p. 189). Em 1931, Sérgio trabalhava nos estúdios durante a noite, das 17 horas às 5 da manhã, dormindo durante o dia. Em 1932 o horário de trabalho era outro, mas igualmente arrasador. Numa carta a José Osório de Oliveira dizia: “Tem razão de supor muito complicada a minha vida. Saio de casa as 7 ½ da manhã, para estar nos Studios de Joinville às 9. Ali me conservo, a dirigir uma secção de trabalhos de laboratório, até às 6. Chego a casa perto das 8 da noite. Janto, e parto para casa de discípulos, onde me conservo, a ensinar coisas várias, até às 10 ½. Chego a casa às 11, deito-me para me levantar no dia seguinte às 6. Ao domingo vou a Sceaux, visitar o pobre do Proença<sup>10</sup>. É no metropolitano, a caminho de Joinville, ou no regresso de lá, que revejo as provas do 3º volume dos *Ensaio* (...) e da tradução dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano* (...) e no metropolitano redijo as notas para esses dois volumes (*Colóquio-Letras*, nº 16, carta de 1-2-32, a José Osório de Oliveira, Novº 1973, p.49). Continuando a descrição do seu quotidiano, Sérgio afirmava: “ Para poder fazer a correspondência – que é sempre copiosa – almoço muito rapidamente no restaurante da Paramount, a fim de aproveitar a escrever cartas o tempo de intervalo consagrado a essa refeição; ou, então, demoro-me um pouco mais de noite no hotel *Magestic*, onde venho dar lição a uma discípula, e aqui consagro uma meia hora à epistolografia, antes de recolher a casa”<sup>11</sup>.

Deste modo, Sérgio foi sujeito a um ritmo de trabalho que lhe afectou a saúde, e que em mais de uma ocasião o precipitou em crises psíquicas de gravidade variável.

### **Sérgio: o luminoso e o nocturno**

Segundo a sua própria expressão, o autor dos *Ensaio* viveu “uma vida torrenciosa e fêrvida, desvairada e múltipla, aos arrastos dos vais-vens e dos turbilhões do Acaso” (*Cartas de Problemática*, nº 10, p. 2). A necessidade de ganhar o pão forçou-o

a dispersar-se por uma série de trabalhos, conforme já vimos, os quais lhe permitiam escassamente equilibrar o orçamento.

Os dois abalos psíquicos por que passou ocorreram no Brasil durante dois períodos em que lá viveu. Nada o fazia prever à sua primeira chegada ao Rio de Janeiro. Numa carta de 29 de Janeiro de 1913, Sérgio dirá a Raul Proença: “Aqui estou há quatro dias na cidade maravilhosa alastrada por entre montes e arvoredos fortes. Passei a meninice em regiões dos trópicos: por isso este ambiente físico faz aflorar e ressuscitar em mim sentimentos remotos e atitudes há muito adormecidas. Só aos 15 anos tive a revelação na (*sic*) natureza europeia - propriamente portuguesa e estremenha” (Ventura, 1994, carta n° 14, p. 46).

Segundo António Ventura, os médicos sempre proibiram Sérgio de permanecer no Rio de Janeiro durante o Verão, o que ele teria cumprido apenas uma vez. (Ventura, 1988, p. 103, nt. 10). Em 1913, numa carta a Proença, anunciaria: “Consultei hoje um médico que me aconselhou repouso absoluto por 3 meses num sanatório da Suíça; tenciono por isso partir em Janeiro, passando por Lisboa (...)” (Ventura, 1994, p. 104). (...) “Escolhi a *Maison Saint Antoine*, do dr. Montennis, perto de Nice” (pp. 105-106). De Nice muda-se para Genebra, onde a mulher se matricula na Universidade para estudar pedagogia infantil e em especial no Instituto Jean-Jacques Rousseau (Fernandes, 1972, pp. 32-33). Ele próprio se matricula também na Universidade, na Escola de Ciências da Educação, que designa noutra carta como Instituto Jean-Jacques Rousseau). Confidencia que um dos seus trabalhos de Sociologia foi louvado pelo respectivo professor, que o aconselhou como modelo aos seus discípulos, quanto ao método de exposição e de organização textual, além de ter recebido uma carta em que Ferrière diz felicitar-se de ter um aluno como ele (Ventura, 1994, p. 116).

Contra o que seria de esperar com base no parecer médico, Sérgio manterá uma intensa actividade intelectual e em Novembro do ano de 1914 já está em Lisboa. É possível que, tendo obtido algumas melhoras na Suíça, haja regressado aos habituais sistemas de trabalho. A sua nova crise ocorreu, porém, mais uma vez no Brasil, onde voltara mais tarde, e pelas mesmas causas. No regresso a Portugal, em 1922, recomendam-lhe uma ida para a Floresta Negra. Definindo as circunstâncias das suas crises, Sérgio escreveria: “Já sei que bastam uns meses ininterruptos de calor senegalesco e sessenta noites seguidas de insónia completa, ou quase completa, para abater as linhas fundamentais da minha arquitectura espiritual. Isto torna-me humilde como um cristão e ateu como um nitezscheano. Dizia-me o Schultze na Alemanha, para me consolar, q. só os susceptíveis de virar a bola como eu, eram interessantes neste mundo (...) Dependemos dos ‘humores’, (...) e o cérebro mais poderoso, o mais bem estruturado, quando percorrido por um sangue tóxico, com ‘humores malignos’, trabalha como o de um imbecil. Foi isso o que me sucedeu já, com um cérebro de 3 ao vintém. Afora essa crise recente, que teve conseqüências morais mas foi de origem puramente física, passei há anos por uma outra, de origem moral, mais interessante (...)” (*Colóquio/Letras*, 1978, pp. 64-65).

Até ao fim da vida, Sérgio não se libertará de crises mentais que o deixavam prostrado, desligado ou indiferente à realidade que o cercava.

### Uma campanha cívico-pedagógica

A vida de Sérgio foi uma contínua campanha cívico-pedagógica. Após os primeiros sinais de rompimento com a República, aceitou fazer parte da *Renascença Portuguesa*. A sua colaboração dever-se-ia, conforme deixou explicado, ao empenho em “dar às novas instituições do país um bom conteúdo de reforma positiva, de carácter educativo e económico-social, substituindo o republicanismo emocional e romântico (instintivo, exteriorista, e de *expansão*, ou centrífugo) por uma boa democracia, reformadora e concreta, - isto é, por um regime cultural de auto-domínio e auto-crítica, de interioridade *centrípeta*, de disciplina *racional*, animado de intuítos de reforma económica” (António Sérgio, *Portucale*, 3ª série, 1955, p. 118.) Tal estado de espírito leva-o a colaborar na fundação da Universidade Popular em Lisboa, mas o projecto acabará por não avançar, concretizando-se embora noutros pontos do país.

As actividades de Sérgio no interior da Renascença obedeceram a um propósito cívico. Em Maio de 1914, numa carta enviada de Genebra a Raul Proença, explicaria os seus objectivos: “ (...) Das condições da sociedade portuguesa, do exame da sua história, deduzi *more geométrico* as linhas gerais de um plano de educação nacional; quer dizer, as ideias directrizes a que deverá obedecer essa educação para remediar os males e os erros passados de que sofremos. Trata-se agora dos meios práticos e concretos de melhor realizar essas ideias directrizes. Jamais uma *prática* social saiu inteira e perfeita do cérebro de um homem. Quando se chega à aplicação material, é da própria experiência que sai o lento aperfeiçoamento da maquinaria idealmente construída. E como eu não tenho à minha disposição escolas, homens, capitais e tempo infinito para fazer experiências começadas *ab ovo*, vou procurar para ponto de partida aquele sistema de educação e instrução já existente que mais se aproximar da realização da minha ideia. Que tal lhe parece o método? “ Já vi que não é na Suíça que encontrarei o que desejo. Vislumbro que posso ser mais feliz na Alemanha, talvez nos Estados Unidos. O problema é complexo, porque os princípios fundamentais que deduzi *a priori* são dois, e naturalmente encontrarei num sítio a realização mais aproximada de um deles, e noutro sítio a realização mais aproximada do outro. Tratar-se-á depois de operar a síntese. Um dia talvez um benemérito português se lembre de achar que eu bati certo, e trate de aplicar a ideia...” (Ventura, 1994, p. 116). “Como calcula, não posso por enquanto sair da Suíça para ir procurar alhures o que suspeito poder encontrar. Enquanto espero vou tratando de estudar. Matriculei-me na Universidade, na Escola de Ciências da Educação [ Instituto Jean-Jacques Rousseau] “ (p.116)

No plano limitadamente pedagógico, considerava urgente adoptar nas escolas portuguesas “um novo sistema de educação da Grei, que a ensinasse a exercer a

democracia política e que a preparasse para o trabalho na democracia social, pelo que se impunha:

1º Fazer conhecer à gente portuguesa os novos processos de educação infantil, baseados na livre iniciativa mental, e portanto no dom de autodomínio da psique, indispensável à prática de uma democracia genuína: e pedi a minha Mulher, em consequência disto, que escrevesse um livro de divulgação pedagógica, a explicar *O Método Montessori* (completamente desconhecido em Portugal), o qual prefaciei e anotei, para ser editado pela “Renascença”;

2º ligar de futuro a instrução popular às actividades produtoras da região da escola: e por isso recorri ao Artur Castilho, para que redigisse um *Manual de instrução agrícola na escola primária*, compêndio este que saiu prefaciado com as minhas *Considerações histórico-pedagógicas*, exposição das origens económico-históricas do desequilíbrio político em que se debatia o País (e que nada implicava com Monarquia ou República), bem como da urgência de ligar a educação aos requisitos da economia do nosso povo e da sua libertação em relação a oligarcas (o intermediário, o senhorio, o agiota) por tarefa produtora e cooperativa na escola (em comunidades de trabalho), sendo que desenvolvi esta orientação democrática em *A Função Social dos Estudantes* e outrossim na *Educação profissional*, livros que a “Renascença” fez vir a lume, sob a direcção editora de Álvaro Pinto;

3º Proclamar a indispensabilidade de bolsas de estudo no estrangeiro que fossem concedidas metodicamente, de acordo com as necessidades de maior urgência para o desenvolvimento técnico dos portugueses (como pretendi mais tarde realizar, sendo ministro, pela criação de uma Junta de Propulsão dos Estudos): e de aí *O Problema da cultura e do isolamento dos povos peninsulares*, conferência editada pela “Renascença” como todos os escritos de que estou falando;

4º Combater o ensino puramente mnemónico nas próprias disciplinas que mais a ele se inclinam (como a Zoologia e a Botânica, na sua fase primária), substituindo as meras descrições de seres vivos, animais e plantas, pelo *entendimento* da interdependência funcional biológica, quer dizer, das relações *inteligíveis* entre a estrutura orgânica e o modo de vida que o ser vivo adopta, ensartando as ideias sobre aquela e esta num colar inteligível de sustentações recíprocas: e foi isso mesmo o que pus em efeito ao dar aos prelos da “Renascença Portuguesa” as minhas *Noções de Zoologia* (guia didáctico para o professor);

5º Treinar futuros cidadãos democratas pelo emprego dos métodos da democracia política (fundados no exercício do proceder racional) no próprio governo da sociedade escolar: e de aí o livro sobre *Educação cívica* (...)

6º Expor as linhas gerais pedagógicas de um plano de organização do ensino público, em que se sublinhasse o proveito social-nacional de desenvolver o ensino de continuação (ou primário superior com carácter técnico, ao mesmo tempo que de educação geral) e de fazer encaminhar para este novo ensino

(que habilitaria os alunos para os postos médios da vida agrícola, industrial ou comercial, como regentes agrícolas, chefes de oficina, empregados de escritório, caixeiros viajantes e outras funções medianas). Os jovens sem dotes mentais bastantes para triunfarem nos estudos universitários, - jovens que, insistindo no empenho de ser doutores, engrossam depois as legiões do Desemprego, as hostes dos proletários intelectuais e *ratés*, fomentadores da desordem da vida pública, que tornam impossível uma democracia estável: e de aí o opúsculo *O ensino como factor de ressurgimento nacional*. (Sobre a minha colaboração..., pp. 119-121).

Sérgio não deixou também de manifestar o seu apego a uma pedagogia derivada dos fundamentos da escola nova. Nas suas mãos, a prática docente foi sempre orientada no sentido de um ensino activo de que era componente material escolar seleccionado. Uma carta a Silva Gayo, datada de 1920 e enviada do Rio, indicava as *Object lessons for Infants*, de Vincent F. Murché, publicadas pela Macmillan & C°, de Londres, e acrescentava: “Se o seu amigo quiser fazer experiências elementares de física e química para a pequenita poderá encomendar um *cabinet*, que várias livrarias escolares inglesas, francesas, suíças, etc., costumam preparar” (Arquivo Coimbra, 1970, p. 354).

Também a correspondência com Ferreira de Macedo apresenta sugestões no sentido da organização de conferências na Universidade Popular de acordo com uma didáctica do ensino activo. A propósito do plano de um *Guia de trabalhos práticos*, da autoria do seu correspondente, Sérgio considerava necessário organizar um conjunto de instrumentos com vista à introdução do ensino experimental na instrução primária. Desse modo, além de um “guia prático” que pudesse utilizar-se no ensino secundário, sugeria a Macedo que a Universidade popular contratasse “com uma oficina de carpintaria, uma fábrica de vidros e uma drogaria a confecção de armariozinhos-laboratórios para escolas de instrução primária.” Em seguida, precisava, o armário poderia ter uns 70 cm. de altura por uns 50 de largura para ser pregado na parede. Conteria balões, tubos de vidro, frascos com as substâncias necessárias para as experiências fundamentais, um íman, uma pilhazinha, fio de cobre, limalha de ferro, quatro ou cinco pedrinhas típicas e um guia de experiências.” Oferecendo-se desde logo para ajudar Macedo nessa tarefa, ponderava a conveniência de encomendar armários-tipo nos países já referenciados e na Alemanha, acrescentando: “É preciso começar por dar aos professores toda a papinha feita. O armário conteria todos os aparelhos e ingredientes necessários para as experiências” (Ventura, 1988). Igualmente em 1923, sugere a Macedo a fundação de um Museu no âmbito da Universidade Popular, oferecendo-se para ser seu director (Ventura, 1988).

Sérgio teve ainda a ideia de criar o que mais tarde viria a chamar-se *centros de recursos*, e que ao tempo designou pela expressão de *museus pedagógicos*. Semelhantes instituições constituiriam núcleos de equipamentos que permitissem renovar os métodos de trabalho docente na direcção do ensino activo, disponibilizando documentação escrita mediante a qual os professores fossem eles próprios orientados.

A responsabilização de Sérgio como ministro da Instrução Pública foi antecedida por uma “Carta dirigida a S. Ex<sup>a</sup> o Presidente da República”, subscrita pelo Grupo

“Seara Nova”, apresentando uma reflexão sobre o problema pedagógico. Entre as reformas que se pretendia tivessem execução imediata figurava a criação do Museu Pedagógico de Lisboa, destinado a organizar material de ensino para as escolas, publicar guias para professores, etc. (p. 110).

Embora não esteja esclarecido o grau de colaboração de Sérgio e Faria de Vasconcelos na elaboração da Reforma Camoesas, há pelo menos uma ideia comum aos dois textos. Na Base 16ª do Projecto, estabelece-se que a Inspeção Técnica do Ensino ficasse encarregada de organizar três Museus Pedagógicos Nacionais, em Lisboa, Porto e Coimbra, “destinados a fornecer às escolas da sua zona, por meio de um serviço circulante de empréstimo, o material escolar e livros de que necessitem “ (Ministério da Instrução Pública, 1923, p. 34).

A sua adesão ao ensino activo levava-o a assumir uma posição muito pessoal quanto à didáctica da matemática, que ele entendia ser diversa das “lições de coisas” que preconizava relativamente a outras disciplinas. Ocupando-se da educação de um filho de Silva Gayo, cuja situação de doença perpassa na correspondência de ambos, afirmava acerca da matemática: “Seria longo o dizer aqui por que razões o problema da matemática é menos resolúvel por meio de um guia (livro) pedagógico do que qualquer outro. É indispensável um professor *pedagogo* e que sinta bem, com imaginação e tacto psicológico, as aplicações da matemática que interessarão o estudante (...) Para cada noção, teorema ou regra do compendio, o professor tratará de imaginar um problema correspondente sobre um caso que o seu rapaz tenha à vista, *cuja verificação do resultado seja fácil e interessante para ele. (...)*”. “*Contar e medir. Ter em casa balança, medidas de capacidade, metro. Para cada lição, um problema concreto, em que o aluno conte e meça, verifique o resultado. Os problemas de geometria satisfazem em geral esta condição (...) Além da geometria, a física fornecer-lhe-ia muitos recursos interessantes*” (Arquivo Coimbrão, 1970, p. 349).

Sérgio levará por diante uma luta sem tréguas contra a ditadura salazarista. Num texto memorável, distribuído pelos Serviços Centrais da candidatura de Norton de Matos em 1949, recuperado por António Ventura (1988), explicitará, criticando-a, a essência da pedagogia do regime. Numa carta à respectiva Comissão de Estudos sobre o problema do ensino, dirigida por Ferreira de Macedo, dirigirá as seguintes considerações:

Creio que a principal censura que devemos fazer ao actual governo em matéria de ensino público é a seguinte. Pode ter-se como princípio fundamental da pedagogia moderna a ideia da máxima autonomia possível dos educandos, tanto na actividade estritamente discente, como nas relações do aluno com a sociedade escolar, ao passo que o que inspira fundamentalmente o Governo é o conceito diametralmente oposto, ou seja, o da heteronímia, ou o do autoritarismo, não só naquilo que aos escolares respeita mas até no que toca aos cidadãos adultos. Disse por sinal um sacerdote católico que a educação é a arte de emancipar os homens, definição que me parece excelente: ao passo que o objectivo do actual Governo é o de manter os homens na tutela, educando a maioria para tutelados e seleccionando alguns para tutores dos demais. E por isso mesmo, como todos os Governos de orientação despótica, faz consistir sobretudo o progresso no número e importância das obras pú-

blica, em prejuízo do intuito de dignificar os homens, de elevar o espírito (o que pressupõe, claríssimo está, um mínimo de elevação do nível económico). Quando pretende alardear que alguma coisa faz a favor do nosso pobre povo, alega a construção de edifícios para as escolas: o pedagoga, todavia, tem de considerar como questão basilar a da qualidade do ensino que aí se ministra, sendo que a traça do edifício da escola há-de ser estudada na dependência prévia da determinação dos métodos de um bom ensino. Na educação como nós desejamos, os laboratórios, os hortos escolares, as salas-bibliotecas das diferentes disciplinas, substituem as aulas de pedagogia antiga. De maneira que se justifica a afirmação liminar de que todos os edifícios que o Governo ergueu são impróprios para o ensino como nós queremos.

O desmascaramento da política educacional do regime é feito em termos claros: “O Governo, aliás, não só não fez o menor esforço para eliminar os métodos autoritários que caracterizam a pior tradição pedagógica, senão que só pensou em os agravar, como o mostra a monstruosidade do livro único naquelas matérias de maior importância para o que constitui o cerne da verdadeira cultura: a formação do juízo crítico e a criação do hábito da dúvida metódica. Ora parece-me que não basta dizer-se que o Governo não fez o essencial no problema – senão que cabe reconhecer ainda que nunca poderia ter feito o que cumpre e que nunca poderá no provir fazê-lo, pois que seria caminhar em oposição absoluta à ideia básica pela qual se norteia, ou seja, a ideia do autoritarismo dogmático. A isto importaria acrescentar a enumeração dos casos que exemplificam esse carácter do ensino público tal como o realiza a governação actual, desde os programas, a organização das provas e a arregimentação política dos estudantes, até à demissão dos melhores professores, dos que poderiam levar às escolas públicas mais lúdimas manifestações de emancipação mental (...) (Ventura, 1988, pp. 95-96).

### **Uma vida de combate**

Além da acção literária, Sérgio teria uma vida sulcada de episódios políticos. Relembremos o caso ocorrido nos funerais de Sidónio em 1918, durante o qual se produzem tumultos muito graves que Sérgio tentou aplacar, sofrendo nessa ocasião a explosão de uma bomba que lhe produziu graves ferimentos pelos quais teve de sofrer uma intervenção cirúrgica. (*Colóquio/Letras*, nº 46, pp. 59-60).

Nesse mesmo ano funda a revista *Pela Grei*, antecessora da *Seara Nova*, revista que influenciará durante o período de 1933-1938. Fazendo parte do Grupo da Biblioteca Nacional, funda a revista *Lusitânea*. Funda também o grupo *Homens Livres*, de duração efémera. Ministro da Instrução Pública em 1923, depois de ter tomado parte na campanha a favor do Projecto Camoesas, ao lado de Faria de Vasconcelos, cria o Instituto Português de Oncologia e, após dois meses, demite-se. Como escreveu um dos seus discípulos, regressou “à doutrinação da reforma mental e económica da grei nacional, a qual iria ser interrompida pelo primeiro exílio, após a instauração da ditadura militar em Maio de 1926” (Serrão, p.85). O regime ditatorial, de acordo com o mesmo autor, empurra-o para a acção política directa. Foge para França, evitando a prisão, e aí se mantém durante 7 anos. A amnistia de 1933 permite-lhe o regresso, mas em breve é mais uma vez preso (8

meses), exilando-se novamente, agora para Madrid. Outra amnistia permite-lhe regressar mais uma vez a Portugal, onde se dedica a actividades profissionais já por nós evocadas. Continua a lutar pelos objectivos de sempre – reforma económica e reforma da mentalidade –. Em 1953 presidiu à Comissão Promotora de Voto, que se propunha obter garantias de democraticidade dos actos eleitorais. Em 1958 foi o principal impulsionador da candidatura do General Delgado à Presidência da República. Seria preso mais uma vez por ter feito parte do grupo de intelectuais que dirigiu um convite a Aneurin Bevan (trabalhista inglês) para proferir conferências em Portugal, as quais, aliás, seriam proibidas (Serrão, pp. 85-88).

A sua obra é um monumento do pensamento racionalista português. Os seus escritos têm sempre um adversário subjacente. São textos polémicos mas que se afastam dos cânones da polémica portuguesa, feita de agressão pessoal, à moda camiliana. A propósito, dirá em 1920 a Silva Gayo: “ para responder à sua pergunta sobre publicações minhas direi que fiz sair há pouco um volume de *Ensaios*; mas tomei aborrecimento à feição demasiado crítica e combativa da minha obra, e suspendi por isso o envio do livro aos amigos (Arquivo Coimbrão, 1970, p. 354).

A sua escrita é, todavia, de uma serenidade imensa. Traço enganador da sua fisionomia intelectual. Numa carta dirigida a José Osório de Oliveira, afirmará. “Como sabe é falsíssima a impressão de homem calmo e metódico que têm de mim muitos dos que me conhecem apenas pelos livros. Os que vêm ao contacto comigo espantam-se de encontrar um explosivo que nunca tomou uma nota e que faz tudo por impulsões súbitas e por inspirações. O bom-humor e a calma, em suma, representam em mim um equilíbrio instável, obtido por via de intelecto – a única cousa onde tenho ordem, método, arrumação, aliás por qualidade inata” (*Colóquio/Letras*, nº 16, Novº, 1973, pp. 49-50.)

Morreu em 1969, com 86 anos, pondo em causa nos seus últimos momentos, muitos dos seus actos, designadamente os políticos. Os seus funerais contaram com a presença de muito povo anónimo. A polícia de choque carregou sobre a multidão por mais de uma vez ao longo do trajecto. Mas o seu nome e a sua obra sobreviveram no quadro da cultura nacional.

## Notas

<sup>1</sup> Nota dos tradutores. Esta expressão significa que as questões materiais e económicas serão subordinadas às decisões políticas.

<sup>2</sup> Organização do Tratado do Atlântico Norte.

<sup>3</sup> Projectos Depreux (1948), Delbos (1949), Marie (2 em 1953), primeiro projecto Berthoin (1955), projecto Billères (1956).

<sup>4</sup> L'explosion scolaire, Paris, CUIP, 1961.

<sup>5</sup> Trata-se da Comissão Le Gorgeu.

<sup>6</sup> De “baccalauréat”, diploma de fim do secundário

<sup>7</sup> ENI, Écoles Normales d'Instituteurs

<sup>8</sup> Todo o desenvolvimento que segue inspira-se em Monique Segré, Lucie Tanguy « Une nouvelle idéologie de l'enseignement », VIII ème congrès mondial de sociologie, Varna, 14-19 septembre 1970, ronéoté.

<sup>9</sup> No sistema francês a contagem dos anos escolares é decrescente e a sixième é o primeiro ano dos 4 anos do collège que se segue à école élémentaire (nota dos tradutores)

<sup>10</sup> Ver também A. Prost, « Décision et non-décision gouvernementale. La politique gaullienne d'éducation de 1962 à 1968 », op. cit., 114-132.

- <sup>11</sup> Ter em conta que em França a École Secondaire abrange o Collège (4 anos) e o Lycée (3 anos) que inclui o Lycée Technique
- <sup>12</sup> No total 2354 CES serão construídos entre 1966 e 1975, números citados por J. Minot (1986). Deux siècles d'histoire de l'E.N. MEN.
- <sup>13</sup> Os estabelecimentos privados sob contrato não estão sujeitos à carta escolar.
- <sup>14</sup> Nota do tradutor: grau de entrada na Universidade, conferido na sequência da aprovação em exames que terminam os estudos de nível secundário.
- <sup>15</sup> Na contagem descendente dos franceses, a classe de seconde é a primeira do lycée (de algum modo, corresponde ao nosso 10º ano).
- <sup>16</sup> T, bac técnico, integrado entre os bacs gerais, futuro bac E (1967).
- <sup>17</sup> Na contagem descendente dos franceses, a troisième année é a última do Collège que corresponde ao nosso 9º ano.
- <sup>18</sup> Diploma final de ensino secundário
- <sup>19</sup> A. Prost, art. cit.

## Referências

### Documentação manuscrita

Arquivo Geral da Marinha

- Livro Mestre t. G. Sub voce António Sérgio de Sousa. Fls. 71-72

- Índice Alfabético de Oficiais. Caixa 781. Oficiais da Armada. Sub voce António Sérgio de Sousa

### Livros & Impresses

- Fernandes, Rogério (1972). (Int. e notas). *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)*. Edição da Revista "Ocidente". Lisboa.
- Fernandes, Rogério (1978). Duas cartas inéditas de António Sérgio para Afonso Lopes Vieira. *Colóquio/Letras*, nº 46, Novº 1978, pp. 57-66
- Fernandes, Rogério (1979). *A Pedagogia Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- Hameline, Daniel & Nóvoa, António. (1990). Autobiografia inédita de António Sérgio – escrita aos 32 anos no Livre d'Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève). In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Fevº. 1990, pp. 141-178.
- Matos, A. Campos (1983). Bibliografia de António Sérgio. Sep. de António Sérgio. Número especial da *Revista de História das Ideias*, vol. 5, Faculdade de Letras, Coimbra., pp. 1025-1107.
- Ministério Da Instrução Pública (1923). *Proposta de Lei. Diário do Governo, 2/7/1923. Para distribuição gratuita*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- Nóvoa, António (1994). António Sérgio. In: *Thinkers on Education*. UNESCO Publishing/ Oxford & IBH Publishing. Vol. 4, pp. 501- 518.
- Pires, Daniel (1989). (Pref.). António Sérgio em Macau. Nove cartas inéditas. *Revista de Cultura (Macau)*. Out. 1988- Março. 1989.
- Sérgio, António (1950). Notas de Esclarecimento. Sep. *Da Revista Portucale*, nºs. 25-27, Jan.-Jun..
- Sérgio, António (1957). *Cartas do Terceiro Homem. Porta voz das "Pedras Vivas" do "País Real"*. Terceira série. Lisboa, Editorial Inquérito.
- Serrão, Joel (s. d.). *Portugueses somos*. Lisboa. Livros Horizonte.
- Ventura, António (1994). (apres. e notas). *José Régio/António Sérgio. Correspondência. (1933-1958)*. Câmara Municipal de Portalegre/Centro nde Estudos José Régio.
- Ventura, António (1988). António Sérgio e António Augusto Ferreira de Macedo. Marcos de um convívio epistolar (1919-1949). In VENTURA et alia. *Estudos sobre António Sérgio*. Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de História da Universidade de Lisboa, pp.51-116.

### Revistas

Anais do Clube Militar Naval, Lisboa, 1909.

Epistolário da Biblioteca Municipal de Coimbra. De António Sérgio a Manuel da Silva Gayo. In. *Arquivo Coimbrão. Boletim da Biblioteca Municipal*. Dir. de Armando Carneiro da Silva, Coimbra, 1970., pp. 331-376.

*Colóquio/Letras*, nº 5, Jan.º, 1972.

*Idem*, nº 16, Novº., 1973.

*Idem*, nº 46, Novº1978.